

JORNAL: Última Hora LOCAL: Quamabara

DATA: 22 / 06 / 1962 AUTOR: A. Rodrigues

TÍTULO: Bienal Americana de Arte

ASSUNTO: Ivan e outros na Bienal Americana de Arte

ARTES A. Rodrigues

Bienal Americana de Arte

EM 1941, quando o nazi-fascismo ameaçava o mundo, a Inglaterra demonstrava a sua confiança no homem e no futuro, enviando para o exterior exposições de Arte. Marcava assim o Império Britânico a sua vitalidade e sua crença de preservação dos seus valores culturais. A Argentina passa nesse momento por uma crise política e, no entanto, nessa ocasião se está realizando em Córdoba, uma Bienal Americana de Arte, reunindo representações de seu país, do Brasil, do Uruguai e do Chile.

Este certame, patrocinado pelas indústrias KAISER, pretende iniciar este ano, um movimento de aproximação dos países da América através da arte.

O Diretor da Bienal, Sr. Luis Varela, organizou um Júri de gabarito internacional que será presidido pelo famoso crítico de arte inglês, Sir Herbert Read, e do qual fazem parte, entre outros Jorge Romero Brest e Mário Pedrosa.

Haverá uma sala especial dedicada ao artista brasileiro Cândido Portinari, onde serão exibidas doze obras de sua autoria. A representação brasileira está constituída de obras dos seguintes artistas: Di Cavalcanti, Milton Dacosta, Maria Leontina, Volpi, Ivan Serpa, Danilo Di Prete, Guignard, Manabu Mabe, e Iolanda Mohaly.

Essa Bienal incluirá apenas pintura. Podemos, porém, informar que se pretende, na próxima, incluir desenho e gravura e uma apresentação especial de artesanato popular americano.

Na apresentação da Representação Brasileira, o crítico Antônio Bento diz, entre outras coisas, "que a arte de Di Cavalcanti é extraordinariamente representativa do mundo carioca, das nossas mulatas sensuais ou sestrosas e de nosso samba". — Que as telas que Guignard expõe são de Ouro Preto, de cuja paisagem "tornou-se um intérprete cheio de lirismo". E festeja o retorno do pintor Milton Dacosta a figuras neo-cubistas nas quais une à linha geométrica "uma sensibilidade refinada".

Afirma que Volpi é um dos mestres incontestáveis da pintura brasileira e que Maria Leontina nos seus pequenos quadros geométricos demonstra seu empenho em tornar sensíveis as especulações plásticas dos concretos. Constata que Yolanda Mohaly marcha no sentido do expressionismo lírico e que Di Prete, Serpa e Manabu caminham na pesquisa de textura de novas matérias, tão características das preocupações dos informais da atualidade.

Diz ainda que a textura de Serpa parece curiosamente inspirada nas cartas de topografia aérea, enquanto é puramente lírica a visão de Di Prete e Manabu Mabe, possivelmente os dois melhores representados na mostra, tendo em vista a qualidade média de suas obras dos últimos anos.

instituto de arte contemporânea

Última Hora 22 de junho de 1962